

MATERIALIZAÇÃO DE POLÍTICAS CULTURAIS: O MUSEU DA GENTE SERGIPANA E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Mirtes Rose Menezes da Conceição¹

RESUMO: As identidades, categoria muito investigada em diversos ramos das ciências sociais, vem sendo alvo da aplicabilidade de mediações, a partir das políticas culturais. Através destas, ações são efetivadas e concretizadas. Neste trabalho, pretende-se analisar a construção de identidade, a partir das políticas de culturais elaboradas pela gestão pública estadual, onde um dos resultados desta política foi materializada com a criação do Museu da Gente Sergipana. Atualmente, o museu e toda sua composição, inclusive a arquitetura é reconhecida como sendo de cunho cultural e artístico. E seu acervo tem despertado nos sergipanos a valorização, a produção de conhecimento e a exteriorização de sentimentos de pertencimento, ou seja, o Museu vem contribuindo com a construção da identidade sergipana.

PALAVRAS-CHAVE: Políticas Culturais, Identidade, Museu, Patrimônio.

Introdução

O presente trabalho tem como objeto a análise da materialização de uma das políticas culturais e a sua contribuição na identidade local. Salientamos que no presente estamos fazendo uma análise do visitante sergipano ao Museu, sabemos da importância de visitantes oriundos de outras localidades, nacionalidades, mas no momento nos detemos só no visitante nativo.

Mediante o fluxo de informações globalizadas, a pretensão é começar o estudo por uma breve discussão das políticas culturais, e a partir daí, ampliarmos a discussão a níveis maiores. Baseando as análises, inclusive, em algumas consequências dessas transformações ocorridas no globo em todas as áreas sejam financeiras, socioculturais, ambientais, percebendo o reflexo dessas transformações no humano, no seu cotidiano e consequentemente nas ações e relações sociais.

Esses processos têm desestabilizado os seres, que são convidados a uma re(organização). Para tal, são necessárias políticas públicas, ligadas diretamente as questões culturais, e para que estas sejam celebradas, incorporadas, construídas, resignificadas ao cotidiano, ações estão sendo elaboradas e executadas como: a construção de centros culturais, sejam com incentivos a patrimonialização de bens, que gera ora consumo, ora sentimento de pertencimento (entendido aqui como um dos elementos que compoem a identidade).

¹ Mestranda do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Sociologia, Licenciada e Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). mirthysrose@hotmail.com

É nesse momento que as identidades se manifestam e justificam por muito, as políticas culturais que querem garantir as memórias, os patrimônios mesmo diante de um amontoado de interrogações, a respeito da importância e do significado destes. Neste artigo, tentaremos dar a nossa breve contribuição para o entendimento a respeito da materialização dessas políticas, ligadas aos processos identitários, pois a identidade tem se tornado um marco cada vez mais abstrato, pessoal, coletivo, plural e cada vez mais flexível nos nossos dias.

Políticas Culturais

Para darmos início a este debate, faz-se necessário, uma tentativa de definir políticas culturais. No entanto, sabemos que uma definição da expressão é abrangente e não pretendemos aqui delimitá-la. Segundo Teixeira Coelho, em seu Dicionário Crítico de Política Cultural:

"É entendida habitualmente como programa de intervenções realizadas pelo Estado, entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas". (COELHO, 1997, p. 293)

As práticas culturais, principalmente na América Latina, estão ligados diretamente à esfera pública (poder público), seja de forma nacional, estadual ou municipal (Ortiz, 1988). Esse fato pode ser exemplificado pela gestão dos centros culturais, a diretoria é composta, muitas vezes, por indicações advindas da Secretária da Cultura. Os Estados criam os espaços culturais e os "sustentam", se bem que nos últimos tempos, as instituições têm recebido autonomia para parcerias com a sociedade civil (pessoas físicas e jurídicas), suscitando algumas dúvidas: com a intervenção a sociedade, está poderá gerir um espaço cultural de acordo com seus interesses? Pois vale esclarecer que, quem assume tal responsabilidade recebe um abatimento no impostos, no caso do Brasil, um incentivo (Lei Rouanet - 8313/91). O que garante a manutenção de bens patrimoniáveis de uma forma democrática?

Na tentativa de demonstração de democracia, temos então, as políticas de identidade, "que apelam para os seus sustentadores" (Hall, 2005, p. 45), cada um respeitando o seu 'grupo' e assim as exposições são montadas, os objetos vão sendo utilizados sem o seu significado real, mas se reportam ao contexto que foram retirados, criando uma atmosfera legítima e autêntica. Como diz Woodward (2000, p. 34), "afirmando a identidade cultural das pessoas que pertencem a um determinado grupo oprimido ou marginalizado", o poder público poderá mediar "os seus" através do campo dos processos identitários.

É neste momento que temos políticas voltadas para a afirmação de sexo, raça, gênero e porque não de identidades demarcadoras, legitimadoras que firmem e afirmem as identidades. O resultado dessas políticas será o confronto com o outro, mas a mediação e o encontro de quem somos nós. E qual será o significado de negar ou outro e afirmar quem você é, em um mundo onde o eu desaparece em um piscar de olhos e reaparece da mesma forma?

Será por essa falta de definição (ou pela pseudo materialização), que museus ligados à identidade estão se tornando comuns? Para que não se esqueçam quem realmente somos?

Museus e 'MUSEUS'

Resultado dessas políticas culturais, onde as políticas de identidade são inseridas e por vezes as políticas de afirmação frente aos processos de globalização se fazem por muitas vezes necessárias, os museus, atualmente ganharam um status de destaque, principalmente na "produção de identidades".

Saindo cada vez mais da sua rotulação, de como ficou conhecido popularmente como lugar do passado, os MUSEUS têm recebido cada vez mais em seus acervos aparatos tecnológicos, nem se comparam com os ditos "tradicionais" que pareciam chatos e enfadonhos. Hoje, recebem o significado de "parque de diversão". Mas independente disto, todos têm a mesma história.

É de largo conhecimento que museu originou-se na Grécia antiga, *Museion*, ou o templo das nove musas. O termo desaparece na Idade Média e retorna no século XV onde estava associado ao colecionismo, inclusive de símbolos reais. Muitas destas coleções deram origem aos museus que conhecemos, e uma diferença é que o acervo não era aberto ao público ficando apenas aos olhos dos seus proprietários e de seus entes mais próximos. Somente entre os séculos XV e XVIII é que os primeiros museus surgem, inclusive com permissão de visita ao público, temos a criação dos museus nacionais. (Suano, 1986)

No Brasil, os museus surgiram no século XIX e vieram com as iniciativas de D. João VI. O que denota que desde sempre, o poder público promovia a mediação com a cultura. Os primeiros museus brasileiros tratavam de pesquisas naturais o que contribuiu para o conhecimento e a preservação da fauna e da flora nacional. Embora não diretamente ligados a cultura de um nacionalismo, é inegável a contribuição dos museus brasileiros no que diz respeito a constituição de um sentimento nacional. Esse sentimento foi ainda mais fortalecido

com a criação do Museu de História Nacional, que teve seu modelo copiado por muitos em todo o território nacional.

Em todo o mundo é possível notar a variedade temática dos museus e as suas inegáveis contribuições as sociedades as quais estão inseridas, e em Sergipe não seria diferente. Os museus em território sergipano tem contribuído para a ampliação de conhecimento, valorização da cultura, salvaguarda do patrimônio.

O Museu da Gente Sergipana

Pequena história

Com a mudança da capital de São Cristóvão para Aracaju no ano de 1855, muitos dos serviços também deveriam estar presentes na nova capital. Afinal, muitos funcionários públicos foram transferidos, assim como a Capital, precisariam de serviços que iam desde o mais simples consumo até prestações com a saúde uma vez que a nova capital foi construída em uma área inóspita. As doenças de veiculação hídrica, não demoram a aparecer, levando a morte do presidente da província Inácio Joaquim Barbosa. Nascia então o centro histórico de Aracaju.

No início do século XX, por volta de 1926, surgia na capital um prédio que abrigou a sede do Colégio Atheneu Pedro II, popularmente conhecido como Atheneuzinho, uma das primeiras escolas. Este, anos depois, recebeu a mudança para Atheneu Sergipense (1938); posteriormente Colégio de Sergipe (1942); Colégio Estadual de Sergipe (1943); Nos anos 70 recebeu órgãos públicos como o Arquivo público (1970); Secretaria de Estado da Educação e Cultura (1976). O tombamento se deu em 1985. Em 1999, constatado o abandono. Até que em 2008 o prédio foi cedido ao Banco do Estado de Sergipe (BANESE), onde este tinha a intenção de construir um centro cultural. Em 2009 iniciam-se as obras, inclusive de restauro, e finalmente, em 2011 é inaugurado o Museu da Gente Sergipana.

"Projeto ancora" do Instituto Banese, a instalação de um museu em um palacete inaugurado na administração do Presidente Mauricio Graccho Cardoso, trás ao prédio o renascimento da sua função educativa. O Museu considerado um dos mais modernos do país por conta de toda a tecnologia que possui, abriga ambiente como: *Josevende* que representa as feiras espalhadas pelos 75 municípios do Estado, onde é encontrada uma espécie de holograma de um vendedor, que faz a demonstração dessa relação social entre o comerciante

e o freguês; *Nossos Trajes* que é demonstrado através de um espelho, onde se tem a oportunidade de “vestir” o traje de um folguedo (grupo folclórico ou dos grupos que compõem as festas) os movimentos são reproduzidos com se estivessem em um espelho doméstico; Nas cabines do *Seu Repente* e *Seu Cordel*, a interação é feita a partir dos microfones, onde se tem a oportunidade de ler cordel ou de criar um repente, que estão sendo gravados, se permitido pelo visitante, são enviados os vídeos para a internet; No ambiente dos *Nossos Falares*, o contato é com o patrimônio oral, são vocábulos utilizados pelos sergipanos, tais como: breaia (coisa velha), ximar (pedir com os olhos a comida alheia), foló (folgado), manja (brincadeira de criança – corre-corre), marraia (bola de gude); *Nossos Leitos* é um ambiente que tem uma proposta de demonstrar a natureza presente em território sergipano entre eles: caatinga, mangue, praia; *Nossos Pratos* permite “montar” o prato principal em uma mesa do qual os ingredientes ficam a girar, são doces, salgados, pratos típicos dos festejos juninos; *Nossas Roças* demonstram as atividades do setor primário da economia (agricultura e pecuária); Na *Midioteca*, a ampliação de conhecimentos através da biblioteca ou das mídias que contêm o acervo do museu em formato digital a disposição, é possível; Aos olhos encontra-se a renda do tempo (uma espécie de linha do tempo) com bordas da mais nobre renda do Estado a Irlandesa. *Nossas Praças* possui um carrossel onde é possível lembrar-se de um famoso carrossel (o do Tobias), além de praças localizadas nos municípios que são demonstradas. *Nossas Histórias* são nichos que demonstram vários elementos que vão desde as artes até os contos passando pelos ciclos econômicos do Estado; *Nossos Cabras*, pessoas que marcaram a história, como Arthur Bispo do Rosário, Silvio Romero, Tobias Barreto entre outros; *Nossos Marcos* corresponde a marcos arquitetônicos acionados através de um pião; *Nossas Festas* estão ao alcance através do macacão (nacionalmente o jogo é conhecido como amarelinha) e finalmente um ambiente por nome de *Nossas Coisinhas*, um painel com vários elementos em miniatura onde se pode trabalhar a memória no encontro dos pares (iguais). Em poucas palavras, é o encontro com o cotidiano, é a valorização do dia a dia; a visualização de outro ângulo do saberes e dos fazeres mais simples e que estão de certa forma ligada as raízes de um povo.

Simplificando os questionamentos, até que ponto esse cotidiano é patrimônio cultural? Por que estão sendo exibidos como se fossem produtos nas vitrines dos grandes shoppings? Levaram em consideração no processo de formulação do museu e seu acervo as opiniões dos artesãos/artistas e da população em geral? Ou tudo não passa de uma questão simbólica de expressar a identidade? Dessa forma, como está organizado, o palacete (que já possuía grande

carga simbólica) foi transformado em um dos lugares mais visitados no Estado, em um espaço com múltiplas funções: ora turística, ora educativa, ora de encontro, ora de desencontros. Na sinopse: foi transformado em um lugar de consumo?

A construção do museu é justificada pelo argumento de salvaguarda. As salvaguardas do patrimônio, seja ele qual for material ou imaterial, são baseadas na preservação da memória de um povo para que se tenha melhor entendimento sobre as suas origens (raízes) e a sob a sua história e neste caso específico sobre a identidade. Esse é um ponto de análise entre os frequentadores (visitantes) do museu.

Levando em consideração o papel da UNESCO, neste processo de salvaguarda do patrimônio, percebemos uma tentativa de criação, segundo Huyssen (2000), de uma “cultura da memória”. Quais os critérios que elegem um bem patrimonial e os leva a esse processo de patrimonialização?

Para uma melhor compreensão, vamos nos deter em um pouco de história. Patrimônio enquanto bem histórico começou por volta do século XX. Esse entendimento alargou-se ao longo do tempo e abraçaram bens arquitetônicos, festas, práticas, modos de fazer – os chamados patrimônios imateriais. Segundo Choay:

Patrimônio histórico. A expressão designa um fundo destinado ao usufruto de uma comunidade alargada a dimensões planetárias e constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que congregam a sua pertença comum ao passado: obras e obras primas de belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e conhecimentos humanos (CHOAY, 2008, p. 11).

A definição de patrimônio histórico expõe a necessidade de preservar o que é “nosso” para as futuras gerações. Assim como diz Hartog,

O patrimônio é constituído de testemunhos, grandes e pequenos. Como em relação a todo testemunho, nossa responsabilidade é de saber reconhecê-lo sua autenticidade, mas, além disso, nossa responsabilidade se encontra engajada em relação às gerações futuras. (HARTOG, 2006, p. 269).

Sendo assim, a análise do Museu da Gente (como é conhecido pelos seus frequentadores) e as suas contribuições se fazem válidas.

Contruindo a identidade: a análise

Entendida as premícias do patrimônio, tomaremos a liberdade de colocar no plural a identidade, então, portanto, a partir de agora trataremos de identidades e dos processos que contribuem para construí-las. No nosso caso, em especial, uma análise (inacabada) da contribuição do Museu da Gente Sergipana. Antes, um breve histórico a respeito da formação de identidade dos indivíduos.

Tomaremos como base as concepções de Hall (2005), onde três sujeitos são levados em consideração: sujeito do Iluminismo - ao qual mantém sua identidade estática do nascimento a morte, uma vez que este não tinha contato com outros sujeitos fora da sua cultura (ou do seu grupo); sujeito sociológico - ao qual presumia-se ser o sujeito moderno formado por elementos adquiridos a partir do contato com outros sujeitos e o sujeito pós-moderno - composto por sujeitos constituídos de identidades, pois não possuem mais uma identidade estável, mas identidades formadas pelos mais diferenciados momentos, os quais as deslocam (fragmentam). Essa fragmentação pode ser consequência do processo de globalização, como coloca Woodward (2000), pois cria uma lacuna entre a identidade da comunidade e a cultura local. Hall (2005), explicita algumas consequências desse processo sobre a formação de identidades culturais: Desintegração da identidades nacionais e crescimento homogeneização cultural, onde os símbolos compartilhados são iguais (a exemplo do estilo musical); Reforço das culturas nacionais e locais através da resistência ao processo de globalização; Surgimento de identidades híbridas que aparecem frente a flexibilização e a forma efêmera que se apresenta as novas identidades.

Diante do exposto, é certo que as identidades sofrem fragmentações como consequência do processo de globalização e que as relações sociais que podem fortalecê-las ou modificá-las, estão sob a sentença deste mesmo processo. Sendo assim, apresentaremos a seguir um exemplo da contribuição dessas relações globais com a cultura local e as políticas de identidade e de afirmação.

O Museu da Gente Sergipana

Para compreender como as políticas culturais que englobam a identidades em mundo cada vez mais dirigido pelos processos da globalização, faremos uma análise da materialização destas políticas, no caso o Museu da Gente Sergipana, localizado na capital do Estado de Sergipe, Aracaju, desde novembro de 2011.

O museu da Gente Sergipana foi escolhido por ter se tornado um representante na construção da identidade sergipana, a *sergipanidade*. Tornando-se um lugar atrativo para os sergipanos. Vale ressaltar que nem sempre foi dessa forma. Os sergipanos, considerados introspectivos, nem sempre valorizavam os seus saberes e fazeres.

Através do processo de globalização e do contato com outras culturas, os sergipanos passaram a conhecer e valorizar patrimônios advindos de diversas partes do Brasil e até mesmo vindo dos outros países, para exemplificar, temos o Pré-caju (carnaval fora de época, produzido no melhor estilo da expansão da indústria do entretenimento baiano). Por essa "forma de ser" do sergipano, aliada as novas tecnologias, falta de interesse da juventude e por muito até pela vergonha de exercer as funções 'tradicionais' (como bordadeira e brincante dos grupos folclóricos), a identidade cultural estava sendo "apagada".

As obras de restauro do prédio, bem como a coleta de dados e montagem dos ambientes que compõem o museu, levou cerca de quatro anos, chegando a surpreender os sergipanos, principalmente por conta da realidade do prédio que estava em estado de abandono. Os ambientes saem da linha mais tradicional conhecida e rotulada dos museus, são interativos e com grande arcabouço tecnológico. Em todos, é possível contemplar, patrimônio material ou imaterial pertencente ao povo de Sergipe, o que tem contribuído para o conhecimento ou o reconhecimento das raízes culturais locais, formadoras das identidades.

A partir da exposição permanente, o sergipano, entra em contato com outras culturas, pois o museu recebe visitantes de localidades e nacionalidades variadas. É através desse contato que fica estabelecida a diferença e fica claro, a valorização da identidade sergipana por estes. O sentimento de valorização tem sido importante, pois é dele uma das maiores contribuições: o nativo se reconhece e passa a valorizar a sua identidade que estava sendo deslocada e tida por este como inferior.

Sendo assim, o Museu da Gente Sergipana tem contribuído para o resgate da identidade local, uma vez que este espaço vem tentando reconstruir a herança cultural, apontando o cotidiano e elementos que fazem parte da vida dos sergipanos, muitas vezes esquecidos ou deixados sem valor diante desta modernização e dos processos que nos envolvem dentro dessa 'redoma global'.

Como a construção do acervo permanente é constante, verifica-se nas solicitações escritas no livro de registros do museu, sejam de festas, praças, pratos típicos etc, deixados

pelos sergipanos que quando não encontram elementos que representam seus respectivos municípios uma prova que o museu tem despertado esse sentimento de pertencimento e que a identidade cultural sergipana começou a ser revelada, valorizada, conhecida e reconhecida.

Percebe-se que a cultura local tem sofrido modificações, por muitos fatores, seja pela entrada de palavras estrangeiras, seja por modificação de trajes dos grupos folclóricos, que são adaptadas as novas vertentes do pensamento. Fazem parte da cultura local e esta por sua vez ocorre através das práticas sociais, se estas se modificam, a cultura também recebe modificações como parte do processo e como reflexo deste processo. Assim, novos elementos têm sido inseridos e por mais que se queira dar um caráter de pureza, está claro que o hibridismo cultural (Canclini, 2000) está presente desde sempre, além do mais, as tradições são inventadas (Hobsbawm, 1983). Diante do que foi mencionado as identidades sofrem alterações e o museu tem contribuído para demonstrar essas mudanças e essa "miscigenação" cultural.

Considerações Finais

Não se pode negar que o museu tem cumprido seu papel de demonstrar o patrimônio sergipano aos nativos que muitas vezes, seja pela facilidade ou por outros motivos (curiosidade, turismo, lazer), conhecem outras culturas, mas não conhecem a cultura ao qual estão inseridos.

A construção do Museu da Gente está inserida nas consequências que Hall (2005), menciona como sendo resultado da fragmentação do sujeito na pós modernidade ou como ele diz na modernidade tardia. Observa-se que não é um delimitar do sujeito nem tão pouco retorná-lo as bases do sujeito moderno, mas de inseri-lo no contexto local para que da mesma forma como se percebe o global ambos se estabeleçam e sejam reconhecidos. Advertimos que esse contato por muito é conflitante.

Não se pode negar que a instauração de uma intuição cultural como esta é a materialização de políticas culturais de identidade e afirmação, e que o tipo de construção é uma negociação do poder público através das suas políticas de identidade, voltadas para uma sociedade de consumo que teve suas bases ampliadas com o processo de globalização.

Mesmo, a partir de certas constatações, observamos a infinidade de inquietudes interrogáveis com relação as contribuições de espaços na construção de identidades, com o

Museu da Gente não seria diferente. Em um momento de fragmentação do sujeito, quais os motivos levam a uma exposição de uma das "faces" deste sujeito que está sendo desmembrado? Seria servir somente a sociedade de consumo? Seria voltar às bases modernas? Ou estaríamos em um período transitório entre modernidade e pós-modernidade? A forma 'acelerada' (tecnológica) que se encontra a sociedade não tem permitido que este sujeito olhe para si? Sendo esta uma afirmação, se faz necessário a criação de espaços onde possamos admirar a "nós" mesmos.

Referências Bibliográficas

ARANTES, Antonio A. (2007), “A guerra dos Lugares”. In: Fortuna, Carlos (org) Cidade, Cultura e Globalização. Ensaios de sociologia. Oeiras, Celta Editora.

BAUMAN. Z. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro : J. Zahar, 2005.

BOSI, Ecléa. (1994) Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico – 1. ed. Rio de Janeiro, ed. Bertran Brasil, 1992.

CASTELL, Manuel. O poder da identidade. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 2).

CASTORIADIS, Cornelius. A instituição imaginária da sociedade. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.

CANCLINI, Nestor Garcia. Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003. 10

_____ Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1997.

_____ Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CARLOS, A F. A. O Lugar no/do Mundo. São Paulo. Hucitec. 1996.

CHOAY, Françoise. A Alegoria do Patrimônio. São Paulo: UNESP, 2001.

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas Ciências Sociais. Bauru: EDUSC, 1999.

DOMINGUES, J. Mauricio. Teorias Sociológicas no século XX. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2001.

ELIADE, Mircea. Imagens e Símbolos. 2^a. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GIRAUDY, Danièle; BOUILHET, Henry. O museu e a vida. Brasília: MINC/SPHAN, 1988.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice. 1990

FEATHERSTONE, Mike. Cultura de consumo e pós-modernismo. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. *Vária História*, Belo Horizonte, vol. 22, nº36; pags. 261-273, jul/dez, 2006.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DA, 2001.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2 ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2000.

HUYSEN, Andreas. Seduzidos pela memória. *Arquitetura, Monumentos e Mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LEITE, Rogério Proença. “Espaço públicos na pós-modernidade”. In: Fortuna, Carlos; Leite, Rogério Proença. *Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos*. Coimbra, Almedina, 2009.

MANTECON, Ana Rosas. “Consumo cultural na cidade”. In: Fortuna, Carlos; Leite, Rogério Proença. *Plural de Cidade: Novos léxicos Urbanos*. Coimbra, Almedina, 2009.

MAFFESOLI, M. O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. O imaginário é uma realidade. *Revista Famecos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 5, ago, 2001.

MAURE, Marc. (1996) “La nouvelle muséologie – qu’est-ce-que c’est?”. In: SCHÄRER, Martin R. (ed.) *Museum and community II*, Icofom Study Series (ISS) 25, Vevey, Suíça, Alimentarium Food Museum, pp. 127-132.

MOREIRA, Fernando João. (1992). *Tourisme, musées et identités locales*. Cadernos do MINOM, 2. Lisboa.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Cultura é Patrimônio*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

ORTIZ, Renato. (1988), *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo, Brasiliense.

PESAVENTO, Sandra. J. *O imaginário da cidade, visões literárias do urbano*. Paris. Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2ª Ed.: Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 1995.

_____. Nação e região: Diálogos do “Mesmo” e do ‘Outro’. In: Pesavento. *História e Cultura: Experiências de Pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

POLLAK, Michael. (1992). *Memória e Identidade Social*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.5, nº 10.

POULOT, Dominique. *Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI: do monumento aos valores*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SPIELBAVER, Judith K. *Texto Básico: Identidade*. In: *Cadernos Museológicos*. Rio de Janeiro: Secretaria de Cultura da Presidência da República/Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, n. 3, Outubro de 1990.

SUANO, Marlene. *O que é museu*. São Paulo: Brasiliense, 1986

TUAN, Yi-Fu. *Place: na experiential perspective*. *Geographical Review*, 65 (2): 151-165. 1975.

_____. *Espaço e lugar: A perspectiva da experiência*. São Paulo. Difel, 250p. 1983.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma identificação teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2 ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2000.